

**REVISTA GUIA COMO PRODUTO EDUCACIONAL PARA NECESSIDADES
INFORMACIONAIS DE ALUNOS DO PROEJA: UM ESTUDO DE CASO**

*GUIDE MAGAZINE AS AN EDUCATIONAL PRODUCT FOR
INFORMATIONAL NEEDS OF PROEJA STUDENTS: A CASE STUDY
RESEARCH*

¹Paulo Sérgio Calefi.

²Gisele Machado da Silva.

¹IFSP - Instituto Federal de São Paulo, Câmpus Sertãozinho. E-mail: pscalefi@gmail.com .

²IFSP - Instituto Federal de São Paulo. E-mail: gisele_machado@ifsp.edu.br .

Artigo submetido em 27/12/2020, aceito em 12/04/2022e publicado em 27/05/2022.

RESUMO: Descreve o processo de elaboração, aplicação e avaliação do produto educacional “Revista PROEJA: um guia para não se perder na escola”, objeto de estudo da pesquisa realizada no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Câmpus Sertãozinho, entre junho de 2018 e outubro de 2019. Contempla teorias da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), da Ciência da Informação e da Produção de Materiais Educativos. A partir do método Estudo de Caso, utiliza a observação, a pesquisa documental, o grupo focal e questionários para coleta de dados, além da técnica hermenêutica-dialética para análise dos resultados. Ao final, discute a aprovação coletiva do material educativo e a importância do diálogo nos processos de comunicação da escola.

Palavras-Chave: produto educacional; necessidades informacionais; espaço escolar; revista guia; PROEJA.

ABSTRACT: It describes the process of criation, applying and evaluating of the educational resource “PROEJA-Magazine: a guide for not getting lost in school”, the object of study of the research completed at the Federal Institute of São Paulo, Campus Sertãozinho, from June 2018 to October 2019. It includes theories of Professional and Technological Education, Information Science and the Production of Educational Resources. Through the Case Study method, it uses observation, documentary research, the focus group and questionnaires to collect data. It also uses the hermeneutic-dialectic technique for analyzing the results. At the end of the discussion, it presents the collective approval of educational material and the importance of dialogue in the school's communication processes.

Keywords: educational resource; informational needs; school environment; guide magazine; PROEJA.

1 INTRODUÇÃO

1.1 OBSERVAÇÕES INICIAIS

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa “As necessidades informacionais de alunos do PROEJA¹: o uso de uma revista-guia como produto educacional no espaço escolar”². O objetivo principal é descrever o processo de criação, aplicação e avaliação de um material educativo voltado para alunos ingressantes do curso técnico em Mecânica do PROEJA, no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Câmpus Sertãozinho.

Convém ressaltar que os procedimentos metodológicos adotados atendem à exigência dos mestrados profissionais que, conforme Moreira (2004, p. 134), requer a “elaboração de um trabalho final de pesquisa profissional, aplicada, descrevendo o desenvolvimento de processos ou produtos de natureza educacional visando à melhoria do ensino na área específica [...]”.

Através de uma abordagem qualitativa, o trabalho foi realizado entre junho de 2018 e outubro de 2019, tendo como um de seus resultados, o recurso educacional que está disponível, em sua versão digital, no repositório EDUCAPES por meio do *link*: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/560043>.

Entende-se que a realização da pesquisa justificou-se pela importância de se garantir o acesso e uso de informações no contexto escolar como parte dos processos de ensino-aprendizagem. Contribuiu também com novos conhecimentos para a linha de pesquisa Organização e Memórias dos Espaços Pedagógicos em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), pois o material educativo funcionou não apenas como suporte para facilitar a busca e uso de informações no âmbito escolar, mas como ferramenta para incentivar o acolhimento de novos alunos nesse espaço.

Para fins de organização textual, são apresentados, nesta seção, os principais aspectos teóricos acerca do material educativo: sua definição e classificação, os critérios para sua criação, a escolha do seu público-alvo, o seu contexto de uso e a sua função.

1.2 DEFINIÇÃO DE MATERIAL EDUCATIVO

Devido às preferências linguísticas dos autores consultados, consideraram-se os termos “produto educacional”, “material didático”, “recurso educacional” e “material educativo” como expressões equivalentes.

Um material didático relaciona-se sempre com o tipo de suporte que viabiliza a materialização de seu conteúdo. Essa definição foi proposta pelo historiador francês Chartier (2002) ao afirmar que o texto não existe fora dos suportes materiais que permitem sua leitura, visualização ou audição.

¹ Programa de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

² Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT), Instituto Federal de São Paulo, 2019.

Estudando o processo de produção de materiais didáticos no Brasil, Bandeira (2009, p. 14) os define como “produtos pedagógicos utilizados na educação e, especificamente, como material instrucional que se elabora com finalidade didática”. Quanto à tipologia desse tipo de recurso, a autora (2009) reconhece três categorias: impresso, audiovisual e novas mídias; sendo esta última a que se utiliza de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Nas últimas décadas, mesmo com todo avanço das TIC, a maior parte dos recursos educacionais brasileiros ainda é produzida em formato impresso, já que, entre outros fatores:

na educação, o material impresso, tradicionalmente conhecido, sempre foi aceito por alunos, professores e especialistas; de fácil manuseio, o material impresso pode ser utilizado em todas as etapas e modalidades da educação, o aluno e o professor podem consultá-lo fora da sala de aula; o material impresso não requer equipamento ou recurso tecnológico para sua utilização (BANDEIRA, 2009, p. 17).

Vale frisar que o produto educacional criado durante a pesquisa é classificado como material textual, de gênero misto, pois ele comporta características tanto de uma revista quanto de um guia. E, nessa acepção, o termo “revista” refere-se à publicação periódica destinada a um determinado público, seja no formato jornalístico, científico, literário etc. (HOUAISS, 2009, p. 1.664). Já o termo “guia”, conforme a NBR 10518 (2005) da ABNT, é basicamente uma obra de referência que traz informações sobre localização, recursos humanos, tipos de recursos e assuntos cobertos por bibliotecas e centros de informação.

Esse tipo de documento pode ser distribuído no formato de *folder*, principalmente em museus, centros culturais, bibliotecas ou espaços que recebem visitantes ou turistas.

1.3 CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DO MATERIAL EDUCATIVO

A confecção e avaliação do material educativo fundamentaram-se na teoria dos três eixos de Kaplún (2003) e na proposta de avaliação participativa de Ruiz *et al.* (2014).

Kaplún (2003) propõe a criação de materiais educativos a partir de três eixos: o conceitual, que se refere à seleção e organização temática pelas quais se objetiva gerar alguma experiência de aprendizado; o comunicacional, relacionado à linguagem, formato e diagramação do material; e o eixo pedagógico, ligado à capacidade do recurso atender às necessidades específicas dos grupos para os quais ele é indicado.

No ramo de avaliação de produtos educacionais, RUIZ *et al.* (2014, p. 20) recomendam uma avaliação de forma coletiva, com a análise de cinco componentes: (1) atração, que consiste em averiguar se o material chama a atenção do grupo destinatário; (2) compreensão, através da verificação do nível de entendimento dos conteúdos do material; (3) envolvimento, com a confirmação de que os destinatários sentem que o material é para pessoas como eles/elas; (4) aceitação, com a constatação de que o enfoque, os conteúdos e a linguagem são aceitos e (5) mudança de ação, por meio da comprovação de que o material contribui para a adoção de uma nova atitude.

Mais especificamente, a teoria dos três eixos norteou as ações que envolveram a elaboração da revista-guia e a avaliação do recurso pelos alunos usuários. Por conseguinte, os cinco componentes de Ruiz *et al.* (2014) foram contemplados no questionário aplicado junto ao grupo de especialistas para a avaliação coletiva do recurso.

1.4 O PÚBLICO-ALVO DO MATERIAL EDUCATIVO

A escolha dos alunos do PROEJA como público-alvo do material educativo se deu, entre outros fatores, a partir do reconhecimento deste grupo como um dos menos favorecidos na história da Educação Profissional e Tecnológica brasileira.

Nesse sentido, Faria e Moura (2015) observam que todas as políticas implantadas no âmbito da EPT estiveram pautadas na dualidade educacional, ou seja, uma escola para a classe trabalhadora e outra para a classe média e elite. Para aqueles, a formação para trabalho manual e, para estes, a educação para o trabalho intelectual.

Para Arroyo (2013), o atendimento a esses grupos exige reconhecer que, no Brasil, desenvolveu-se uma tradição política e cultural excludente, a qual deve ser superada, pois a própria dualidade educacional é também reflexo da naturalização da divisão dos coletivos humanos de forma preconceituosa e injusta:

de um lado os poucos autodefinidos como racionais, cultos, civilizados, cidadãos curtidos na ética do esforço e do trabalho, previdentes, empreendedores, dirigentes; de outro lado, a maioria, os Outros, inferiorizados como irracionais, primitivos, incultos, preguiçosos, os coletivos indígenas, negros, pobres, trabalhadores, camponeses, favelados, subempregados e subcidadãos (ARROYO, 2013, p. 139).

Além disso, a garantia de acesso e de permanência para conclusão do ensino básico é outro fator problemático no contexto educacional brasileiro, como já apontavam os registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2014, com quase 79 milhões de adultos sem a formação básica e à margem da escolarização.

Instituído pelo Decreto nº 5.840, o PROEJA surgiu com o desafio de integrar duas grandes modalidades de ensino: a Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos, sendo direcionado justamente a aqueles que não tiveram a oportunidade de cursar o Ensino Fundamental e/ou Médio na idade regular e que buscam, além da formação básica, um curso de profissionalização.

Contudo, com mais de uma década de existência, o programa ainda enfrenta uma série de desafios, assim como observaram Silva, Selles e Bravo (2012, p. 169):

a implantação do PROEJA [...] foi marcada por uma considerável resistência institucional, já que este programa seria voltado para alunos com um perfil socioeducacional bem diferenciado daqueles que tradicionalmente ingressam na instituição. Havia o receio de que o suposto déficit educacional dos alunos do PROEJA viesse a comprometer a reconhecida qualidade dos cursos técnicos oferecidos. Além disso, os professores admitiam certo despreparo e muita insegurança diante do desafio de construir um novo currículo que integrasse a educação básica e a educação profissional, sem deixar de privilegiar os princípios básicos da modalidade de EJA, desconhecidos pela grande maioria do corpo docente.

Diante desse cenário, a criação de um material educativo para facilitar a comunicação entre a escola e os alunos ingressantes representou uma ação afirmativa que envolve os modos de acesso ao programa e ao novo espaço escolar, uma vez que “esse diálogo institucional pouco tem sido exercitado no país e sua falta agrava o quadro de desarticulação que corrobora uma oferta menor que a demanda potencial [...]” (MOLL, 2010, p. 135).

1.5 O ESPAÇO ESCOLAR COMO CONTEXTO DE USO DO MATERIAL EDUCATIVO

A noção de “espaço escolar”, elemento temático do trabalho, está embasada nos estudos em “Organização e Memórias dos Espaços Pedagógicos em EPT, linha de pesquisa vinculada ao Programa ProfEPT. Por essa perspectiva, o termo “espaço” admite várias acepções e combinações. Basicamente, diz respeito à “extensão superficial limitada; área, dimensão, superfície”, que ao ser combinado com o adjetivo “escolar” pode ser entendido como “espaço específico da escola” (MELHORAMENTOS, 2019).

Vale destacar que a revista-guia é um produto educacional personalizado, com público e informações específicas. Neste caso, seu contexto de uso coincidiu com o *loco* da pesquisa, ou seja, o Campus Sertãozinho do IFSP.

Para Lück (2012, p. 19), “a demanda pela melhoria da qualidade de quaisquer organizações, produtos ou serviços constitui-se em resultado de amadurecimento das sociedades, que se tornam cada vez mais complexas [...]”. Nas escolas, as principais dimensões a serem consideradas são a gestão pedagógica, a gestão de resultados educacionais, a gestão participativa e a gestão de serviços e recursos, objeto de discussão deste trabalho.

Entretanto, em razão das escolas lidarem com sujeitos concretos, a aprendizagem e o desenvolvimento de capacidades intelectuais dependem da experiência nos contextos locais da vida cotidiana dos alunos, uma vez que :

tomamos, pois, como ponto de partida, que qualidade representa o desafio de fazer história humana com o objetivo de humanizar a realidade e a convivência social. Não se trata apenas de intervir na natureza e na sociedade, mas de intervir com sentido humano, ou seja, dentro de valores e fins historicamente considerados desejáveis e necessários, eticamente sustentáveis. A intensidade da qualidade não é a da força (som intenso, por exemplo), mas da profundidade, da sensibilidade, da criatividade (DEMO, 1994, p. 11-12).

Essa valorização da essência humana na qualidade educacional vai ao encontro do pensamento de Freire (1987, p. 58), posto que, para esse importante educador brasileiro, “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.

Diante desse quadro, foram estimadas algumas condições no planejamento do recurso educacional: o produto seria personalizado para alunos do PROEJA; as principais informações contidas nele estariam ligadas ao dia a dia desses sujeitos e seu uso poderia ser de forma livre e individual, dentro da escola ou fora dela.

1.6 A BUSCA DE INFORMAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR E A FUNÇÃO DO MATERIAL EDUCATIVO

Desde o surgimento dos meios de comunicação de massa (mercado editorial, rádio, TV, Internet), informar-se é uma condição básica para participação em praticamente todos os eventos socioculturais e econômicos: trabalho, escola, lazer, entre outros.

Considerando esse contexto, Choo (2003, p. 84) define a busca informacional como “[...] o processo pelo qual o indivíduo procura informações de modo a mudar seu estado de conhecimento.” O autor ainda aponta que as necessidades informacionais são determinadas pelas exigências do ambiente social, do trabalho, da falta de conhecimento e pelas experiências emocionais dos sujeitos.

No entanto, nem todos compreendem os meios e as técnicas para que possam obter as informações desejadas e, pensando nisso, a pesquisadora Kuhlthau (1993) desenvolveu um modelo conhecido como *Information Search Process (ISP)*, o qual é composto por um conjunto de seis etapas, como visto no Quadro 1.

A relevância do modelo *ISP* está em seu aspecto humano, pois valoriza os sentimentos dos usuários em todas as etapas. Em face dessa característica, a compreensão desse modelo auxiliou a organização das atividades propostas no material educativo, no sentido de garantir sua principal função: favorecer o atendimento das necessidades informacionais de seus usuários no espaço escolar.

Quadro 1: Processo de Busca da Informação

Estágios	Tarefa apropriada	Sentimentos comuns
Iniciação	Reconhecer a necessidade de informação	Insegurança
Seleção	Identificar um tema geral	Otimismo
Exploração	Investigar as informações sobre o tema geral	Confusão, frustração, dúvida
Formulação	Formular o foco	Clareza
Coleta	Reunir as informações pertencentes ao foco	Senso de direção, confiança
Apresentação	Completar a busca de informação	Alívio, satisfação, desapontamento

Fonte: Adaptado de Kuhlthau (1991, p. 367, tradução nossa).

Ademais, o próprio subtítulo do material educativo insinua a relação inicial do aluno com o espaço escolar e a função do recurso, uma vez que “um guia para não se perder na escola” pode significar, implicitamente, “um guia para se encontrar nela”.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, são descritos os procedimentos metodológicos adotados durante a pesquisa, incluindo a abordagem, o método, a seleção dos sujeitos participantes e as ações em torno da criação, aplicação e avaliação do material educativo.

2.1 ABORDAGEM E MÉTODO

Em virtude dos objetivos da investigação, optou-se pela abordagem qualitativa, a qual fundamenta-se em dados e informações subjetivos resultantes das interações e da coparticipação dos sujeitos informantes.

Por sua vez, as ações da pesquisa apoiaram-se no método de Estudo de Caso, “[...] estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘porquê’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (YIN, 2004, p. 19).

2.2 SUJEITOS PARTICIPANTES

Com o intuito de avaliar o material educativo de forma coletiva, foram selecionados três grupos de sujeitos participantes.

O primeiro grupo, classificado como “alunos não usuários do produto educacional”, pertencia à turma do primeiro ano do PROEJA, curso técnico em Mecânica, de 2018. A seleção desses alunos visou levantar os tipos de necessidades informacionais que vivenciaram nos primeiros bimestres daquele ano letivo. Devido à frequência irregular e ao alto índice de desistentes do curso, participaram, efetivamente, sete sujeitos.

O segundo grupo, classificado como “alunos usuários do produto educacional”, pertencia à turma do primeiro ano do curso técnico em Mecânica do PROEJA, de 2019, já que o material educativo criado era voltado para estudantes que acabaram de ingressar na escola e que, portanto, ainda não tinham familiaridade com o espaço escolar e seus recursos informacionais. Participaram, efetivamente, 20 alunos.

Já o terceiro grupo, em razão de seus conhecimentos técnicos e pedagógicos, foi classificado como “especialistas”. Assim, foram convidados todos os professores que lecionavam junto à turma do primeiro ano do curso técnico em Mecânica do PROEJA em 2019, além de gestores e técnicos administrativos que também lidavam com esses alunos. A média de tempo de experiência profissional desse grupo, na instituição, era de sete anos. Participaram, efetivamente, 12 sujeitos.

2.3 ETAPAS DA PESQUISA

As ações da pesquisa foram organizadas em três etapas: a de estudo exploratório; a de criação do produto educacional; e a final, que compreendeu a aplicação e avaliação do recurso.

2.3.1 Primeira etapa: estudo exploratório

Nesta fase, compreendida entre junho e setembro de 2018, foram utilizados três instrumentos para coleta de dados: a observação sistemática, a pesquisa documental e o grupo focal.

Para Gil (2010, p. 121), a observação sistemática é “adequada para os estudos de casos descritivos [...] o pesquisador sabe quais aspectos da comunidade, da organização ou do grupo são significativos para alcançar os objetivos pretendidos.” Pôde-se observar, com essa técnica, vários elementos da rotina escolar dos alunos da modalidade PROEJA, como a frequência irregular e alta desistência, o pouco uso dos recursos informacionais e dos espaços ligados a atividades de extensão (cursos de dança, idiomas, música, esportes etc.).

Já a pesquisa documental recorre a documentos que não tiveram nenhum tipo de tratamento científico, como mapas, relatórios, documentos administrativos, fotografias, entre outros (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). Essa técnica foi importante porque possibilitou o acesso a vários documentos da escola, como a planta do prédio, o calendário, horários de aula, listas de chamada, assim como permitiu o acesso a informações sobre a atribuição de cada setor da instituição, seus recursos e responsáveis pelo atendimento à comunidade escolar.

No entanto, a coleta de dados mais significativa se deu com o grupo focal que, segundo Gatti (2005), é uma técnica capaz de estimular a interação entre sujeitos, já que não se trata de uma entrevista coletiva. Também permite a reunião de um grupo não muito grande de pessoas para discutirem um tema de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal. Além disso, com o grupo focal, em pouco tempo, pôde-se obter uma boa quantidade de informações sobre as questões abordadas.

Desse modo, de nove alunos convidados, sete aceitaram participar do grupo. A pesquisadora atuou como moderadora, transcrevendo a interação através do registro em áudio. Preservou-se a identidade dos sujeitos, identificados pela abreviação AN, que corresponde a “aluno não usuário” do material educativo. Os sujeitos foram incentivados a discutir um pequeno roteiro sobre: suas dificuldades durante a busca por informações na escola; seus sentimentos/emoções em experiências anteriores; a conciliação do trabalho com os estudos; além das expectativas com o curso no qual haviam ingressado.

Para análise das falas registradas com essa interação, utilizou-se a hermenêutica-dialética, entendida como método capaz de “dar conta de uma interpretação aproximada da realidade. Essa metodologia coloca a fala em seu contexto, para entendê-la a partir de seu

interior e no campo da especificidade histórica e totalizante em que é produzida” (MINAYO, 1996 *apud* OLIVEIRA, 2001, p. 72).

2.3.2 Segunda etapa: criação do material educativo

O plano e a confecção do material educativo foram norteados pela teoria dos três eixos de Kaplún (2003), mencionada anteriormente. Por isso, para desenvolver o eixo temático da revista-guia, além do estudo das categorias da fase exploratória, foi feito um levantamento *in loco* sobre os principais tipos de informação necessários aos alunos ingressantes que participam do PROEJA.

Como resultado, selecionaram-se as cinco principais ideias temáticas, que também nomeiam cada seção: (1) Espaço Escolar: estrutura física da escola (planta do prédio e sinalização dos espaços escolares, salas, laboratórios, corredores, banheiros e afins); (2) Setores e Serviços: recursos disponíveis (produtos e serviços, profissionais responsáveis pelo atendimento junto aos alunos, horários de funcionamento dos setores da escola); (3) Tutoriais para Acesso a Serviços de Informação: meios de acesso aos sistemas de informação e comunicação disponíveis; (4) Tempo de Escola, Lugar de Memórias: pequenos contos literários com temática ligada ao tempo de escola e a memórias sobre eventos ocorridos no espaço escolar; (5) Fique por Dentro!: calendário anual e horário de aulas da turma ingressante no PROEJA 2019; atividades extracurriculares; exames/processos seletivos nacionais para ingresso no ensino superior etc.

Em relação ao desenvolvimento do eixo pedagógico, foram considerados as necessidades e os desejos dos grupos destinatários, identificados pelas informações obtidas na etapa inicial da pesquisa. Nesse sentido, a colaboração de alunos na escolha dos temas, o formato impresso da revista, seu fácil manuseio e abordagem convidativa, agregados a atividades numa sequência gradativa de dificuldade vão ao encontro da afirmação de Kaplún (2003, p. 49), já que:

[...] lhe propomos um caminho, que ele é convidado a percorrer uma nova perspectiva que queremos abrir para ele, ou que lhe propomos que descubra. Ao fim desse caminho, poderá ele, ou não, ter efetivamente mudado ou ter enriquecido algumas de suas concepções, percepções, valores etc. De qualquer maneira, a possibilidade estará aberta.

Quanto ao eixo comunicacional, pelo qual se “[...] propõe, através de algum tipo de figura retórica ou poética, um modo concreto de relação com os destinatários” (KAPLÚN, 2003, p. 60), foram combinados textos verbais e não verbais, possibilitando uma leitura mais fluida dos textos. Para reforçar esse eixo, houve também o cuidado em elucidar todas as siglas, abreviaturas e termos específicos da Gestão Escolar, ao longo das páginas.

E, finalmente, para concluir o produto, recorreu-se a ilustrações adaptadas de documentos cedidos pela direção da escola, a fotografias de alguns setores do Câmpus e a imagens obtidas com pesquisas na *Internet*. A redação, diagramação e impressão da revista-guia foram de inteira responsabilidade da pesquisadora e seu orientador. Até a conclusão da pesquisa, 100 exemplares no formato livreto, como os da Figura 1, foram distribuídos gratuitamente.

Figura 1 – Exemplares Impressos do Produto Educacional



Fonte: Dos autores, (2019).

2.3.3 Terceira etapa: aplicação e avaliação do material educativo

É preciso destacar que embora o recurso tenha sido finalizado em outubro de 2018, sua aplicação se deu apenas no início de 2019, uma vez que era indicado para alunos principiantes.

Quadro 2: Roteiro do Questionário para Usuários do Material Educativo

Item	Questão	Eixo/Fator
1	Quais os motivos que mais dificultam a busca por informações nas escolas, no caso de alunos recém-chegados?	Pedagógico
2	Como você avalia o conteúdo, isto é, os temas apresentados na Revista PROEJA, em relação a suas necessidades informacionais dentro da escola?	Temático
3	A revista permite aos alunos conhecerem melhor o espaço escolar e os procedimentos para busca, localização e uso de recursos informacionais? () concordo totalmente, () concordo, () discordo, () discordo totalmente, () não utilizei.	Pedagógico
4	Considerando o seu perfil de aluno(a), para você o formato físico da revista-guia (material impresso, tamanho 14 x 20 cm, ilustrado, colorido, 40 páginas) é: () muito adequado, () adequado, () pouco adequado, () inadequado, () não utilizei.	Comunicacio nal
5	A linguagem apresentada na revista-guia (vocabulário, tipos de texto, ilustrações e tamanho da letra) favorece a leitura para os alunos do PROEJA, permitindo a compreensão das informações e das atividades?	Pedagógico e Comunicacio nal
6	Quais seções da revista mais utilizou para obter informações ligadas aos serviços e recursos da escola?	Usabilidade
7	Qual das seções da revista-guia você considera mais útil?	Usabilidade

Fonte: Elaborado pelos autores, (2020).

Como a escola organiza um conjunto de atividades de integração e acolhimento aos calouros de cada ano, aproveitou-se a oportunidade para o encontro inicial com a turma do primeiro ano do curso técnico em Mecânica do PROEJA. Assim, em fevereiro de 2019, foram distribuídos os exemplares do material educativo, ocasião em que também pôde-se conversar com os alunos, explicar a função e o tipo de conteúdo temático desse recurso.

Esse grupo foi orientado a trazer diariamente a revista-guia junto com seus materiais escolares, pelo período compreendido entre 06 de fevereiro e 12 de março de 2019, pois embora sua leitura não fosse obrigatória, à medida em que fossem surgindo curiosidades, dúvidas ou necessidade de algum tipo de informação sobre a escola, poderiam consultá-la.

Após o período indicado, eles responderam a um questionário impresso, conforme o roteiro descrito no Quadro 2.

Para que o grupo de 12 especialistas tivesse tempo para avaliar a revista-guia, cada sujeito recebeu um exemplar e orientações sobre o tipo de avaliação pretendida. Puderam realizar a leitura e a avaliação por cerca de dois meses, entre março e abril de 2019. Ao final desse período, responderam a um questionário impresso, com roteiro descrito no Quadro 3.

Quadro 3: Roteiro do Questionário para Avaliadores Especialistas

Questões	Categoria e Avaliação
(1) a) As características físicas da revista-guia são atrativas do ponto de vista estético e da organização textual? O que mudaria para melhorá-la? b) Qual a sua análise em relação aos conteúdos temáticos? c) O que mais chama a atenção nesse material?	Atratividade (positiva)
(2) a) qual a sua opinião acerca da linguagem apresentada? b) As siglas e termos específicos da instituição são explicados de modo a facilitar o entendimento pelo público-alvo? Há palavras de difícil compreensão que não foram esclarecidas? Quais? c) Como você analisa a quantidade e a distribuição das informações nas seções da revista?	Linguagem acessível (positiva)
(3) a) Para você, esse produto atende o objetivo proposto? Comente. b) Quais as possíveis aprendizagens com a leitura desses textos?	Funcionalidade (positiva)
(4) a) Há algo no material que você considera irritante ou ofensivo? A linguagem e as imagens utilizadas são discriminatórias?	Aceitabilidade (positiva)
(5) a) Considerando o conjunto de características da revista-guia, como esse material pode estimular uma mudança de olhar e atitude por parte dos alunos no contexto escolar?	Acolhimento Permanência (positivas)

Fonte: Elaborado pelos autores, (2020).

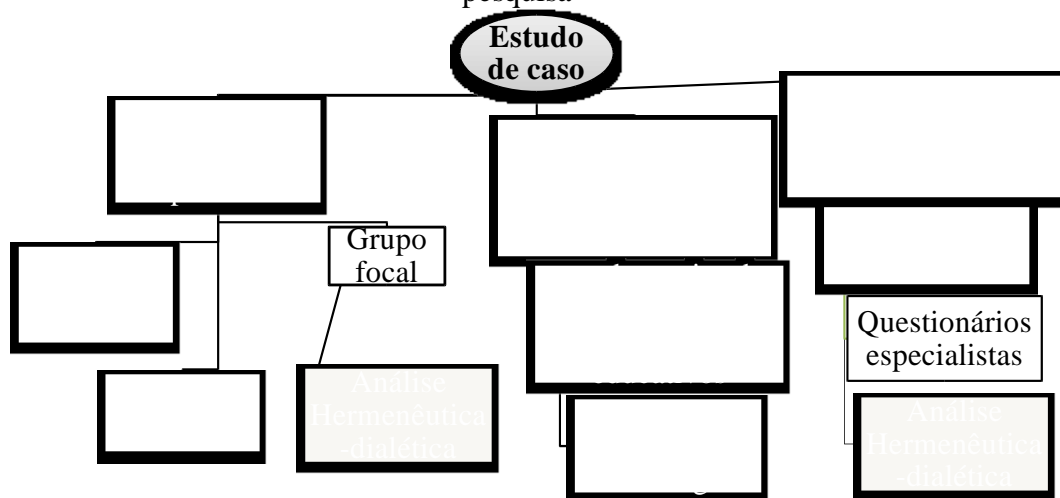
Para melhor compreensão das etapas descritas até aqui, a Figura 2 sintetiza a organização das atividades realizadas.

É possível notar, na Figura 2, que o uso da análise hermenêutica-dialética se deu em dois momentos da pesquisa: para interpretação dos dados do grupo focal e, num segundo momento, para análise das respostas dos especialistas avaliadores do produto educacional.

A operacionalização dessa técnica permitiu a sistematização de todos os dados recolhidos; em seguida, a classificação de falas/respostas relevantes acerca da ação dos sujeitos no contexto investigado. Ao final, considerou-se a articulação entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa.

Sendo assim, como amostra do funcionamento desse processo de análise, no Quadro 4, tem-se um recorte das falas do grupo focal, que geraram a categoria “atendimento pessoal”.

Figura 2: Ações da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores, (2020).

Quadro 4: Amostra do Processo de Categorização

RECORTE ((Sobre as dificuldades em relação à busca de informações nos setores da escola e o acesso a computadores/Internet))	Unidade de Sentido	Categoria
<p>AN5: Dificuldade aqui é o seguinte: toda vez que você precisa de uma informação e que você vai buscar essa informação na secretaria, eles falam assim “mas você não viu no site? Mas você olhou lá? Não! Você tem que ver lá!” AN1: Eu concordo com ela! AN5: [...] É mais fácil eles falarem assim “você viu no site? Não! Vê lá! Depois que você ver lá, você volta aqui!” Eu acho isso muita falta de interesse. Muita, muita, muita falta de interesse. AN5: Porque às vezes a pessoa tem mais essa facilidade de lidar com o site, de saber mexer, de saber onde tá essa informação. Ou até mesmo de por lá na tela e falar “Oh! Tá vendo aqui? Você vai seguir nesse sentido, assim e tal.” E isso não tem aqui! Em qualquer departamento que for, não tem aqui! [...]. AN6: Como você vai entrar no site se você não tem como... se a pessoa não fala “olha, entra aqui, faz isso, faz aquilo!”? [...] E se fosse para eu ver no site, não precisava dela estar ali, entendeu? [...] AN1: Tenho ((acesso a computador e Internet em casa))! AN6: Também tenho! AN5: Às vezes, até tem, né? O que não tem é o tempo. É! Porque se você vem aqui, a pessoa tá ali pronta para te atender, já te agiliza já te ajuda, te economiza tempo. [...]. AN1: Eu acho assim... Bom, a gente tá estudando à noite e todo mundo...é, até eu que já me encontro aposentando ainda continuo trabalhando. Então, você encontra certa dificuldade de tempo para ficar procurando no site. [...]</p>	<p>(-) Informação inicial (apenas no <i>site</i>)</p> <p>(-) Falta de interesse ou atenção do atendente</p> <p>(-) Instrução para busca apenas no <i>site</i></p> <p>(+) Acesso a computadores e Internet</p> <p>(-) Dificuldade de tempo (pelo trabalho)</p>	Atendimento pessoal
<p>AN: sigla para “aluno não usuário do produto educacional”; (()) parênteses duplos indicam as observações da moderadora; (+) aspecto positivo e (-) negativo; (*) sugestões dadas pelos alunos.</p>		

Fonte: Elaborado pelos autores, (2019).

Os agrupamentos estão em ordem de preenchimento da esquerda para direita, a partir do processo de síntese e categorização. A atribuição de números de 1 a 7 se deu conforme a sequência inicial das ocorrências das falas, ou seja, AN1, AN2... Além disso, para transcrever

os trechos da discussão, seguiu-se o padrão ABNT NBR 10520 (2002), indicado para citações diretas.

Desse modo, foram identificadas cinco categorias, que revelaram aspectos problemáticos do contexto inicial da pesquisa: (1) atendimento pessoal – principal reclamação do grupo, pois a comunicação interna é considerada falha e não atenciosa; (2) segregação – comportamento preconceituoso por parte de alunos de cursos superiores durante a convivência nos espaços comuns; (3) divulgação – considerada ineficaz em relação aos cursos e serviços oferecidos; (4) atualização – muitos alunos não se interessam pelo único curso oferecido (Mecânica), o que demanda uma atualização dessa oferta; (5) insegurança – aspecto negativo ligado ao repertório de experiências decorrentes das manifestações de necessidades informacionais.

Em resumo, o estudo das categorias identificadas, considerando o campo teórico da EPT, confirmou a necessidade da escola melhorar sua comunicação com os alunos do PROEJA, de modo que essa relação seja mais humana e dialógica, o que justificou o propósito do recurso educacional criado.

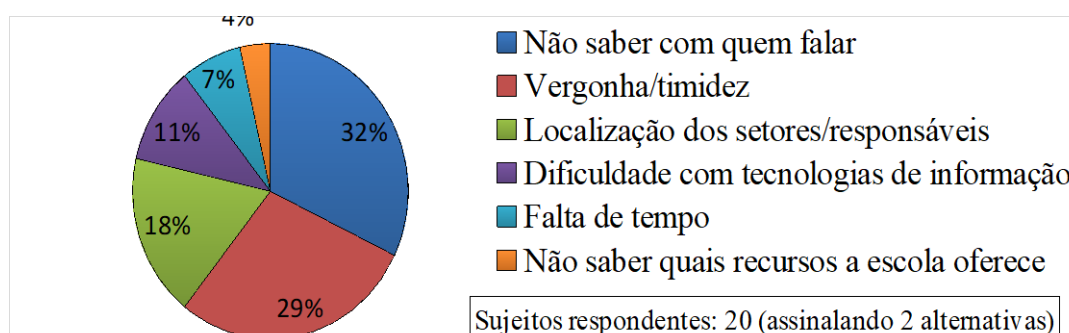
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, são discutidos os principais resultados da aplicação e avaliação coletiva do produto educacional. Os gráficos mostram os resultados da avaliação feita pelos alunos usuários e, logo após, são levantados os resultados da avaliação feita pelos especialistas.

3.1 AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL POR ALUNOS USUÁRIOS

Em relação às experiências anteriores ao uso da revista-guia, as respostas da primeira pergunta do questionário, aplicado junto aos alunos, revelaram as duas grandes dificuldades na busca por informações nas escolas: “não saber com quem falar” e a “vergonha/timidez”, observadas na Figura 3.

Figura 3: Dificuldades na Busca por Informações



Fonte: Elaborado pelos autores, (2020).

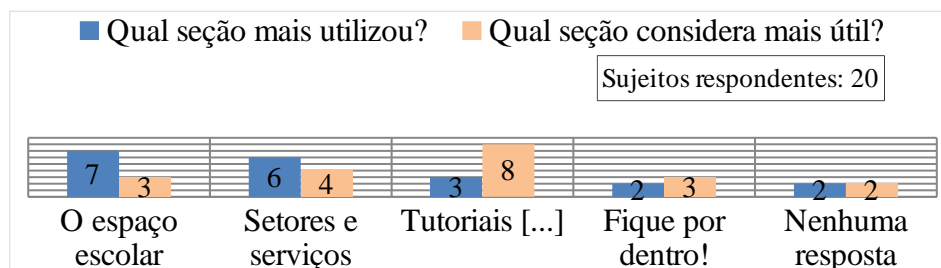
Tais resultados se relacionam com duas categorias da fase exploratória: o atendimento pessoal e a insegurança, o que remete para aspectos negativos de suas experiências escolares anteriores. Esses sujeitos consideram a comunicação da escola muito importante, pois como adultos trabalhadores e, portanto, com menos tempo para os estudos, preferem obter informações de forma presencial e pessoal.

Com base nas respostas apresentadas às questões 2, 3, 4 e 5, que se referem aos elementos da qualidade do material educativo, pode-se afirmar que a maioria (cerca de 90%) dos alunos considerou o produto com bom nível de importância, utilidade e adequação.

Ademais, essa avaliação confirmou o equilíbrio entre os eixos do recurso: seus temas, itinerário de atividades e recursos linguísticos.

As duas últimas questões, cujas respostas estão combinadas na Figura 4, dizem respeito à usabilidade do produto.

Figura 4: Usabilidade do Produto



Fonte: Elaborado pelos autores, (2019).

A seção mais utilizada pelos alunos foi “o espaço escolar”, seguida por “setores e serviços”. Tais seções estão mais ligadas à função de guia, posto apresentarem mapas e *layouts* para a localização de setores de interesse. Assim, a usabilidade inicial responde às primeiras necessidades de informação de alunos ingressantes. Contudo, os alunos avaliaram a seção de “tutoriais” como a mais útil, já que ao aprenderem acessar os canais de informação da escola, podem acompanhar notícias e informações sobre os eventos da rotina escolar.

Portanto, pôde-se afirmar que a partir da aplicação do produto educacional, os alunos usuários o aprovaram como recurso importante, útil, adequado e com boa usabilidade.

3.2 A AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL POR ESPECIALISTAS

Por razões de espaço, o Quadro 5 socializa apenas um recorte do processo hermenêutico com a avaliação do componente “mudança de ação”, embora exemplifique bem o caminho reflexivo percorrido nessa última etapa da pesquisa.

Questionados sobre o produto estimular a mudança de atitude dos alunos, os avaliadores deram pareceres bem positivos, pois entre as unidades de sentido específicas, destacaram-se o “aproveitamento dos recursos” e a “compreensão da escola como espaço público e de direitos”.

No entanto, as respostas mais comuns foram: “acolhimento”, “estímulo para permanência/êxito” e “interesse/integração aluno-escola”.

A partir de recortes do conjunto de componentes temáticos, procedeu-se a interpretação das unidades de sentidos e de possíveis contradições encobertas. Com esse movimento hermenêutico, foram geradas quatro categorias que expressam aspectos positivos do produto educacional: atratividade, aceitabilidade, linguagem acessível, funcionalidade, além daquelas que apontam novas finalidades para seu uso: acolhimento e permanência.

Nesse processo, foram identificadas também divergências temáticas. A mais significativa refere-se à possível dificuldade de leitura de alguns alunos (leitura cansativa, excesso de textos, vocabulário não familiar etc.). Nesse sentido, as duas principais sugestões para amenizar esse problema foram: (1) o uso da revista em sala de aula, com a participação docente e (2) sua aplicação alinhada a ações de integração/recepção nas primeiras semanas de cada ano letivo.

Em síntese, os resultados dessa avaliação mostraram-se bastante satisfatórios, dado que a qualidade do produto educacional se adequa ao padrão recomendado por Ruiz *et al.* (2014) em seus componentes essenciais.

Quadro 5: Recorte do Processo de Categorização

Componente Avaliado – Mudança de Ação	Unidade de sentido	Categoria
<p>((Sobre o produto favorecer a mudança de comportamento dos alunos))</p> <p>PG1: [...] reduz o impacto ((negativo)) nos primeiros dias. [...] PG2: sim. Provavelmente se sentirão mais acolhidos. PG3: [...] poderão aproveitar melhor os recursos disponíveis para eles. TA1: [...] a adaptação dos alunos no novo ambiente escolar pode estimular o desejo de sua permanência [...] conclusão do curso. TA2: Os alunos podem se interessar mais pelas atividades [...] e serviços que o Câmpus oferece. PNC1: Pode aproximar o aluno da instituição, permitindo a produção de identidade escolar, maior êxito e permanência, maior uso dos serviços e espaços e maior integração do aluno com o contexto escolar. PNC2: [...] desperta a responsabilidade dos alunos no uso do ambiente da instituição [...]. PNC3: Talvez [...] saber onde buscar ajuda e promover reflexões sobre a vida. Sugiro ainda que essa revista seja trabalhada em sala por alguns docentes [...]. PNC4: [...] pode contribuir para ampliar a sensação de zelo, de atenção com o grupo que, historicamente, recebe menos atenção docente e de gestores. [...] contribui com o sentimento de pertencimento, pois os alunos poderão compreender que a escola é espaço público e o uso de todos os serviços que ela oferece são direitos de todos que a frequentam. PNC6: [...] facilita o processo de apropriação do espaço escolar [...]. PNC7: [...] é fundamental para uma boa integração e receptividade. PG2: [...] Não sei se os alunos leriam por vontade própria. É preciso alinhar com algumas ações de acolhimento.</p>	<p>(+) redução do impacto negativo nos primeiros dias (acolhimento)</p> <p>(4+) acolhimento</p> <p>(+) aproveitamento dos recursos</p> <p>(3+) estimular permanência e êxito</p> <p>(2+) interesse pela escola</p> <p>(+) responsabilidade no uso do ambiente</p> <p>(2+) integração aluno-escola</p> <p>(*) uso em sala de aula (com orientação docente)</p> <p>(+) compreensão da escola como espaço público e de direitos</p> <p>(*) necessário alinhar ações de acolhimento</p>	<p>acolhimento</p> <p>permanência</p> <p>(Sugestões)</p> <p>*uso em sala de aula</p> <p>*alinhamento com outras ações</p>
<p>Siglas: PG, “professor gestor”; PNC, “professor de disciplina do núcleo comum” TA, “técnico administrativo”; (()) observações da moderadora; (+) aspecto positivo; (-) negativo; (*) sugestões; números da segunda coluna correspondem à repetição da unidade de sentido.</p>		

Fonte: Elaborado pelos autores, (2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia do material educativo descrito surgiu, inicialmente, como uma alternativa a favorecer o atendimento das necessidades informacionais de alunos ingressantes no PROEJA, considerando seu novo contexto escolar, hipótese que se confirmou por meio dos resultados atingidos.

Ressalta-se a necessidade de um estudo sobre o uso desse recurso, em longo prazo, para análises mais completas e condiciona-se sua aplicação, nos próximos anos letivos, à atualização do conteúdo temático ligado à gestão escolar: calendário, projetos, eventos, horários, entre outros.

Embora o produto tenha sido bem avaliado em todos os seus eixos e componentes, para aprendizagens mais efetivas, os especialistas recomendaram seu uso mediado pela leitura dos docentes, uma vez que apenas sua distribuição não garantiria a realização das atividades propostas.

A experiência com a pesquisa evidenciou a importância da valorização do atributo humano e do diálogo nos processos de comunicação da escola, principalmente àqueles que envolvem os alunos do PROEJA, sobre os quais ainda pesam preconceitos e representações sociais inferiorizantes.

Outro aspecto que merece destaque é a contribuição da pesquisa com novos conhecimentos para a linha de pesquisa Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos em EPT, tanto em relação à qualidade da gestão de serviços e recursos disponíveis, quanto pela possibilidade de autoavaliação da escola com a participação de alunos e seus servidores.

Por fim, os resultados alcançados junto aos especialistas e usuários do produto educacional assinalaram a sua aprovação de forma coletiva, já que os dois grupos manifestaram pareceres positivos em suas respectivas análises.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às turmas de 2018 e 2019 do primeiro ano do curso técnico em Mecânica integrado ao Ensino Médio, PROEJA, do IFSP, Câmpus Sertãozinho, para as quais o produto educacional foi inicialmente desenvolvido, assim como a todos os servidores que participaram como sujeitos da pesquisa.

Agradecemos também à direção do IFSP, Câmpus Sertãozinho, pela disposição de documentos institucionais e pela complementação de informações acerca da Gestão Escolar, assunto relacionado à Linha de Pesquisa à qual a pesquisa encontra-se vinculada.

E, sobretudo, agradecemos aos profissionais responsáveis pela concretização do Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional. Sem essa oportunidade, dificilmente poderíamos conciliar trabalho e estudos, assim como centenas de colegas da Comunidade ProfEPT.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10518**: guias de unidades informacionais: elaboração. Rio de Janeiro, RJ: ABNT, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, RJ: ABNT, 2002.

BANDEIRA, D. **Materiais didáticos**. Curitiba, PR: IESDE, 2009.

BRASIL. **Decreto n. 5.840, de 13 de julho de 2006**. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/D5840.htm. Acesso em: 18 ago. 2018.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Campinas, SP: UNESP, 2002.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1994 (Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

FARIA, D. S. A.; MOURA, D. H. Desistência e permanência de estudantes de ensino médio do PROEJA. In: **Holos**, 2015, n. 31, v. 4, p. 151-165. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3195/1133>. Acesso em: 03 mar. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**: novo. Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva. 2009. p. 1664.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: síntese de indicadores 2015. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acesso em: 13 maio 2018.

KAPLÚN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. In: **Comunicação & Educação**. 2003, n. 27, p. 46-60. ISSN:0104-6829. versão *online*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491>. Acesso em: 12 abr. 2019.

KUHLTHAU, Carol C. Inside the Search Process: Information Seeking from the User's Perspective. **Journal of the American Society for Information Science** (1986-1998). jun. 1991, v. 42, n. 5 (Technology Collection) p. 361-371.

LÜCK, H. **Perspectivas da avaliação institucional da escola**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, M. A. J.; SELLES, S. E.; BRAVO, Q. B. O meio ambiente como tema articulador no processo de elaboração de material didático no PROEJA: uma experiência em construção. In: OLIVEIRA, E. C.; PINTO, A. H.; FERREIRA, M. J. R. **EJA e Educação Profissional**: desafios da pesquisa e formação no PROEJA. Brasília: Líber Livro, 2012.

MELHORAMENTOS LTDA. **Michaelis dicionário brasileiro da língua portuguesa**. ISBN: 978-85-06-04024-9. versão *online*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/creditos/>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

MOLL, J. PROEJA e democratização da educação básica. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil Contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MOREIRA, M. A. O mestrado (profissional) em ensino. **Revista Brasileira de Pós-Graduação (RBPG)**. Brasília, n.1, jul. 2004, p. 131-142. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/issue/view/RBPG%201>. Acesso em: 28 maio 2018.

OLIVEIRA, M. M. de. Metodologia interativa: um processo hermenêutico-dialético. **Interfaces Brasil/Canadá**. Porto Alegre, 2001, v. 1, n. 1, p. 67-78. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/viewFile/6284/4372>. Acesso em: 13 ago. 2019.

POWEL, R. A.; SINGLE, H. M. Focus groups. In **International Journal of Quality in Health Care**. 1996, v. 8, n. 5, p. 499-504. Disponível em: <https://academic.oup.com/intqhc/article/8/5/499/1843013>. Acesso em: 18 maio 2019.

RUIZ, L. *et al.* **Producción de materiales de comunicación y educación popular**. Buenos Aires: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires, 2014. Disponível em <http://www.sociales.uba.ar/wp-content/blogs.dir/219/files/2015/07/2-Prod-Materiales-B.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. n. 1, v. 1, jul. 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019.